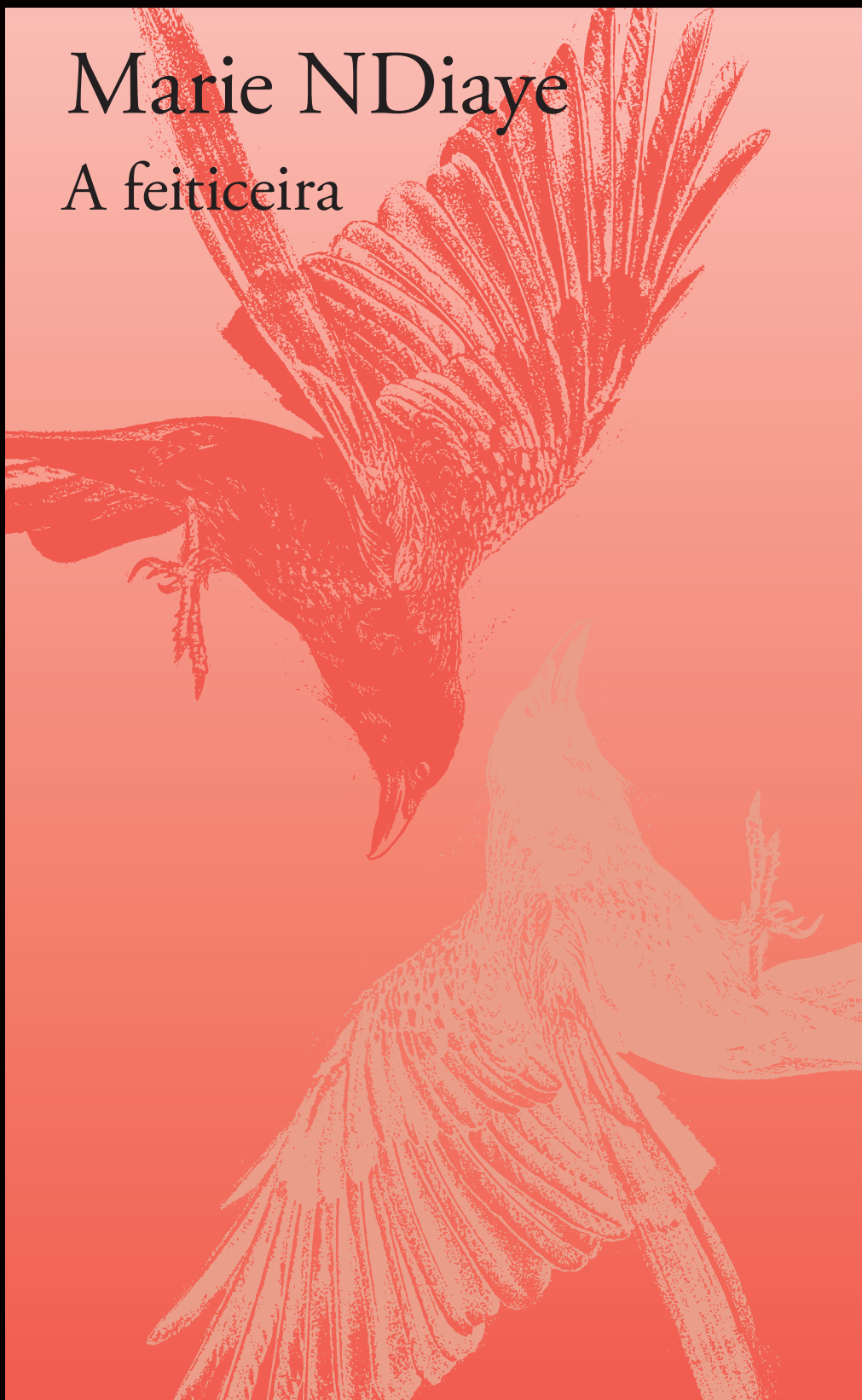


Marie NDiaye

A feiticeira

Tradução de Catarina Ferreira de Almeida



Quando as minhas filhas completaram doze anos, iniciei-as nos poderes misteriosos. Misteriosos não tanto porque elas não soubessem que esses poderes existiam, ou porque eu os tivesse dissimulado (das minhas filhas, nada conseguia esconder, pois éramos do mesmo sexo), mas sim porque, tendo crescido com uma consciência vaga e desinteressada dessa realidade, também não compreendiam a necessidade de se preocuparem com ela ou de terem, de repente, de a dominar de alguma forma, da mesma maneira que não viam qualquer interesse em aprender a confeccionar os pratos que eu lhes servia e que pertenciam a um domínio igualmente distante e pouco estimulante. Apesar disso, também não lhes ocorria rebelarem-se contra esse fastidioso ensinamento. Não procuravam sequer livrar-se dele, em certas tardes de sol, invocando algum pretexto. Agradava-me pensar que essa docilidade nas minhas filhas tão pouco dóceis, as minhas fogosas e impulsivas gêmeas, se devia à consciência que talvez tivessem, apesar de tudo, de uma obrigação sagrada a cumprir.

Instalávamo-nos num lugar ao abrigo dos olhares do pai delas, na cave. Nessa grande divisão fria e de teto baixo, com paredes de cimento, de cuja inutilidade o meu marido se orgulhava (umas quantas velhas latas de tinta arrumadas a um canto e nada mais), eu empenhava-me em transmitir-lhes o indispensável mas imperfeito talento de que eram dotadas, desde tempos imemoriais, as mulheres da minha linhagem. Nos dias de verão, os gritos e as gargalhadas dos nossos vizinhos chegavam-nos vindos de relvados muito próximos, e a luz que caía do respiradouro, em raios oblíquos, no chão de cimento onde estávamos sentadas, parecia empenhada em desviar Maud e Lise de uma tarefa cujo objetivo não podiam compreender. Mas elas recusavam-se a desistir, de sobrolho teimosamente franzido, com os pequenos rostos, igualmente imersos e focados no esforço, inclinados para mim com um desejo comovente de penetrar o enigma, e uma paciência confiante — pois estavam convictas, desde tenra idade, de que um dia chegaria a sua vez de possuírem os meus dons, convictas mas indiferentes. Quando a sessão terminava e eu limpava, exausta, o sangue das faces, elas aproximavam-se por vezes da pequena janela gradeada para gritarem aos amigos da casa ao lado: *sim, sim, vamos já!*, e em seguida zarpavam, idênticas e morenas com os seus calções e as camisolas de *rugby* às riscas, depois de darem um beijo lacónico e ternamente condescendente na minha testa transpirada. Eu sabia que nada do que acabara de lhes ensinar seria revelado aos pequenos companheiros de brincadeira. As minhas filhas consideravam o segredo dos seus poderes uma coisa estritamente privada, para além de ser fundamentalmente desinteressante. Noutros tempos,

teriam sentido uma ligeira vergonha. Contudo, como eram pragmáticas, serenas, resolutas, intensamente descontraídas, ávidas e reivindicativas, em toda a sua inocência, de tudo o que a existência tinha para lhes oferecer, não padeciam de grande pudor e raramente se sentiam constrangidas com alguma coisa. E, nisso, estas pequenas selvagens inteligentes, as minhas filhas, deixavam-me siderada.

No inverno, a cave era escura e gelada, e uma claridade grisalha atravessava a custo o vidro fosco, mas elas dedicavam-se sempre com a mesma valentia, sem sequer criticarem as condições materiais da sua aprendizagem (apesar de, noutra situação qualquer, protestarem com virulência caso o seu bem-estar se visse ameaçado, ainda que impercetivelmente), ao trabalho árduo que constituía a assimilação do nosso poder particular. Eu poucas palavras tinha para dizer. Cabia-lhes observarem-me e, com todo o seu ser, com o conjunto da sua pequena existência saída da minha, integrarem o doloroso processo da adivinhação. Sentadas de pernas cruzadas, pousavam o queixo nos punhos cerrados e fitavam-me quase sem pestanejar, o que por vezes me deixava desconfortável, obrigando-me a sorrir, a fazer piadas, às quais não reagiam a não ser com redobrada sisudez e uma severidade impaciente, mensageiras do pouco crédito que concediam a todas as formas de humor, vagamente considerado como coisa supérflua.

Aprendiam depressa, com a mesma rapidez, uma e outra. Ao fim de onze meses, as primeiras lágrimas de sangue caíram-lhes sobre as faces no mesmo dia e, enquanto eu celebrava — com o ruído necessário para disfarçar a emoção — essa prova irrefutável de que Maud e Lise

havam adquirido a capacidade de ver o futuro e o passado, no seguimento de todo um cortejo de antepassadas mais ou menos dotadas, das quais a mais velha e talvez a mais talentosa até à data era a minha própria mãe, as minhas filhas, como se já nem dessem importância ao facto, secavam calmamente as faces com um lenço de papel e suspiravam, apesar de tudo, de satisfação por chegarem ao fim das suas lições.

— Não é por nada, mãe, mas, sinceramente, todos estes disparates... — disse Maud, e foi a sua única maneira de saudarem a entrada comum nesse desfile imemorial de mulheres com poderes ocultos. Ocorreu-me que talvez não acreditassem completamente nesses poderes. O modo como tinham limpado o rosto denunciara uma serenidade, um alívio, algo de definitivo, como se, finda a cerimónia, estivesse fora de questão voltarem a submeter o seu espírito prático, sedento de conhecimentos tangíveis e frutíferos, a exercícios tão idiotas.

— Vocês sabem que este dom vos pode ser útil na vossa vida — disse eu, procurando explorar o gosto que elas tinham pela eficácia. Mas não podia ir mais longe do que isso. Não tendo eu própria senão um fraco poder, apenas o suficiente, parecia-me, para o dom não se perder e perdurar graças aos meus cuidados, não lhes podia dar o exemplo de alguma situação em que me tivesse sido útil. Na verdade, era um poder ridículo o que eu possuía, não me permitindo ver senão o insignificante. Custava-me pôr em marcha a minha técnica de adivinhação, ou de visão retrospectiva, e, por muito grave que fosse o assunto, só conseguia entrever pormenores sem importância, que nada

revelavam: a cor de uma peça de roupa, o aspeto do céu, uma chávena de café fumegante sustida com delicadeza pela pessoa sobre quem eu fixava o meu olhar de vidente... Como desmontar, então, o ceticismo das minhas filhas? Era evidente que elas não queriam saber dessa nova capacidade e que a acolhiam com uma amabilidade forçada, apenas para me agradarem.

— Prometam-me uma coisa — disse-lhes ainda —, se um dia tiverem filhas, façam com elas o mesmo que eu fiz convosco durante este ano.

Mas elas limitaram-se a fazer troça, encolhendo os pequenos ombros pontiagudos e murmurando com um ar acabrunhado que de nada valia eu esperar que um dia elas se casassem. E pareceram-me nesse momento tão ferozes, tão determinadas, tão definitivamente assexuadas, com as suas calças de ganga encardidas a escorregarem-lhes pelas ancas estreitas, que não voltei a insistir, com vergonha de parecer sentimental à frente delas, tão diretas e coriáceas.

Contudo, indignava-me a ideia de que aquele dom deixasse de ser transmitido. A avó delas instruía-me contra a sua própria vontade, embora a repugnasse tanto o seu poder, de uma intensidade de longe superior, que nunca fazia uso dele. Recusava-se a falar do assunto e talvez se esforçasse por não acreditar sequer na sua existência, relegando-o para essa miscelânea de superstições que herdara da própria mãe, analfabeta. Chegado o momento, porém, tentara esquecer durante uns meses que devia duvidar da própria existência do poder e, movida por um sentido do dever mais imperioso do que a sua própria incredulidade, ensinara-me aquilo que eu agora sabia, de forma apressada,

é certo, e com uma tão evidente aversão que eu me contorcia de embaraço na minha cadeira, mas sem vacilar, até me ver derramar, por várias vezes, abundantes lágrimas de sangue.

Talvez a sua falta de fé tivesse sido, contudo, a causa das minhas fracas capacidades. No caso das minhas filhas, parecia-me claro que não se sentiriam obrigadas a obedecer a uma lei cuja violação não prejudicasse de forma significativa o seu conforto e que, além disso, não tardariam a esquecer com toda a naturalidade que a transmissão do nosso dom era uma lei. Como censurá-las? A força da sua energia bruta, sensual, desafiava qualquer possibilidade de ressentimento ou de desilusão.

Deram-me um beijo rápido à saída da cave, com as faces ainda impregnadas daquele odor adocicado, e ocorreu-me que o pai delas, quando nessa noite as beijasse ao regressar do trabalho, perceberia de imediato que as minhas lições tinham dado os seus frutos. Não me diria coisa alguma. Manteria, a esse respeito, a discrição, ligeiramente tingida de nojo e antipatia, com que encarava sempre os meus poderes, nas raras ocasiões em que eu não conseguia evitar utilizá-los à frente dele. Adivinhara, sem qualquer dúvida, a que género de exercícios as raparigas e eu nos dedicávamos regularmente na cave e, embora soubesse havia muito tempo que aquele momento acabaria por chegar, talvez se tivesse sentido magoado. Talvez, pensava eu, tivesse esperado, contra toda a lógica, que eu me esquecesse, que negligenciasse a iniciação de Maud e de Lise, ou que elas se revelassem tão avessas à penosa disciplina que, sabia ele, lhes seria imposta pela aprendizagem,

que eu acabaria por baixar os braços. O que sentiria ele, interrogava-me com alguma apreensão, ao cheirar nessa noite as faces das suas filhas? Temia que Pierrot passasse de súbito a sentir por Maud e por Lise a irreprimível aversão que já sentia por mim, uma aversão de que ele não tinha consciência, imerso como estava na letargia da sua mente cansada e nebulosa, mas que, para mim, era muito clara até porque, por vezes, ele mal a conseguia conter.

Não me preocupava de todo com as meninas, pois não me parecia que alguma diferença subtil nas confusas manifestações de ternura do pai para com elas pudesse afetar a sua vitalidade opinativa, avara, orientada para promessas e esperanças que nos transcendiam a ambos, os seus pais, e desdenhosa dos nossos pequenos objetivos, laboriosamente alcançados. Não, desse ponto de vista, nada as afetaria, em todo o caso nada que viesse do pai delas, um homem rabugento e exausto, pouquíssimo interessante. Mas atormentava-me a simples conjectura, enquanto saía da cave e tornava a subir para a cozinha, de que mais um pouco de repulsa e de ressentimento na bagagem mal estruturada dos sentimentos do meu marido tornaria asfixiante a atmosfera da casa, já pouco harmoniosa.

— Olha a Isabelle — disse eu, quando cheguei ao piso de cima.

Como as escadas da cave iam dar diretamente à cozinha, Isabelle viu-me entrar com o ar descomposto que o uso do meu fraco e ridículo talento me trazia ao rosto. Como era seu hábito, já se instalara na nossa casa como se estivesse na casa dela, apesar de não ser mais do que uma simples vizinha. Trouxera consigo o filho de quatro

ou cinco anos, que tinha um nome vagamente americano. Vi pela janela que ele saía para o jardim com Maud e Lise.

— Então, o que foi que tu viste? — perguntou-me Isabelle, de imediato.

E o seu rosto carregado contraiu-se de nervosismo.

Quando, dois anos antes, chegáramos àquela pequena vila, eu cometera a imprudência de lhe falar dos meus poderes, com a ideia otimista de a tentar iniciar, uma vez que, no fim de contas, nada me impedia de transmitir o meu dom a outras mulheres que não as minhas filhas, e também porque me parecera na altura ser Isabelle uma figura importante que eu devia, a todo o custo, conquistar. Ela reinava sem oposição sobre o nosso pequeno aldeamento de moradias novas, e a sua autoridade — não se medindo pela soma de um certo número de virtudes objetivas, porque Isabelle não era bonita nem inteligente, não era trabalhadora nem simpática, não era sequer subtil ou perversamente sedutora — impunha-se, essa autoridade, como um facto histórico, devidamente transmitido de vizinha em vizinha. Isabelle e o marido tinham sido os primeiros a construir casa naquele lugar. Dessa chegada a um terreno ainda por urbanizar, nos arredores da cidade, ela soubera destilar a necessidade de ser, de certo modo, a memória de todos nós, que vínhamos dos mais diversos cantos da região ou mesmo do país. Era com Isabelle que se aprendia tudo o que era preciso saber acerca do comportamento de cada um, para não perturbar a boa convivência geral do bairro. E, se quiséssemos tratá-la com frieza para não a termos de aturar várias tardes por semana, Isabelle deixava bem claro que nos causaria problemas com todos

os nossos vizinhos, mexeriqueira sem escrúpulos como ela era. Gorda e robusta, vestida com roupa elástica colada ao corpo, de cabelos descoloridos e rosto arrogante, obtuso, inquisidor, passeava-se de casa em casa, com o filho pela mão, que não deixava de insultar copiosamente caso ele tropeçasse, caísse ou choramingasse de cansaço, caso a incomodasse, enfim, de alguma maneira.

Portanto, eu propusera-lhe ensinar-lhe o pouco que sabia, pois parecera-me, no princípio, que ela não gostava muito de mim. Não era sem vergonha que hoje recordava ter levado a cobardia e a fraqueza ao ponto de desejar conquistar a infernal Isabelle com uma oferta tão preciosa, e de me ter sentido na altura indigna do seu apreço a não ser bajulando o seu faro apurado para um bom negócio. Não imaginara, porém, a enorme preguiça de Isabelle, que se recusou categoricamente a aprender o que quer que fosse assim que lhe falei da necessidade de fazermos sessões regulares. Aquilo que eu lhe oferecia de forma tão generosa e servil, e que ela de resto só percebia de maneira confusa, fragmentária e pragmática, apenas lhe despertara o interesse na medida em que julgara poder daí retirar um benefício direto. E logo me pressionara para eu lhe dizer se o seu filho entraria no Politécnico, ou melhor, para lhe confirmar que assim seria.

— Então, desta vez, já o viste?

Deixei-me cair numa cadeira, à frente dela, diante da nossa mesa coberta com uma toalha de plástico.

— Sabes, nunca vejo grande coisa, Isabelle.

— Sim, mas desta vez, não o viste, a este parvinho, sim ou não? Viste-o naquela escola?

Isabelle tinha o rosto vermelho, impaciente, marcado com velhas cicatrizes de acne. Trazia uma camisola interior cinzenta que delineava de forma muito exata, quase minuciosa, os cinco grandes pneus que se formavam no seu ventre quando ela estava sentada. Era coquete, mas faltavam-lhe dois pré-molares. Ocorreu-me que não conseguiria deixar de lhe oferecer um copo e que isso lhe daria um pretexto para se demorar, porque era a sua hora de descontração, o que me impediria de preparar um jantar correto para Pierrot (o meu marido), que não tardaria a chegar a casa, descontente, mal saísse do carro na garagem, por não sentir qualquer odor apetecível, o que só agravaria os seus vagos mas persistentes ressentimentos por todos os bons jantares a que tinha direito e que eu não fora capaz de lhe cozinhar a tempo. Pobre Pierrot, pensava eu, relegado para o lugar depois de Isabelle.

Respirei fundo e, sorridente, respondi:

— Vislumbrei qualquer coisa do teu pequeno Steve, sim, entrevi-o, com cerca de vinte anos, a caminhar numa grande avenida, sob o sol da manhã, cheio de bons augúrios. Trazia uma camisa branca, mas sem gravata, e pareceu-me que sorria. Foi o que eu vi, Isabelle. E já exigiu um grande esforço da minha parte.

Depois, virei-me ligeiramente para a janela, para neutralizar um pouco Isabelle, cujos lábios finos — dois traços pálidos e secos que ela mordiscava com irritação — preparavam uma revoada de perguntas.

Maud e Lise tinham desaparecido. Isolado, Steve ficara plantado no meio do relvado, a tremer na tarde que findava, com os braços caídos ao lado do corpo e um ar perdido

e resignado. Sabia que a mãe não gostava de ser incomodada quando estava a conversar com alguém e que se queixava bastante de o ter colado às pernas, mesmo quando ele estava a vários metros de distância. Esperava, paciente e receoso, a hora de voltar para casa. Mas o grande desejo de Isabelle de que o seu filho se tornasse um homem de alto desempenho garantir-lhe-ia, nessa tarde, uma longa espera, pois Isabelle não sairia até eu lhe dizer o que ela queria ouvir.

— Não tinha gravata, dizes tu? Mas imagino que eles usem gravata nessa escola, todos os policoisos usam uma gravata. O que quer isso dizer, Lucie, ele não ter gravata?

— Olha, vamos deixar entrar o Steve, que não parece estar com calor — pedi-lhe, mecanicamente.

— Oh, agora que ele estava sossegado, por que razão o queres trazer de volta, diz-me lá? Se tu soubesses como ele faz transpirar a sua mamã ao longo do dia, eu não sou como tu, eu enervo-me, ah, como eu me enervo com este tontinho. Enfim, uma gravata, acho que ele devia ter uma gravata, apesar de tudo. Achas que a tinha metido no bolso? Talvez, se dizes que estava sol, talvez tivesse tirado a maldita gravata para a enfiar no bolso das calças?

— É possível. Vai um martíni, Isabelle?

Falava-lhe com jovialidade, não podendo ainda contornar a necessidade aviltante de agradar àquela mulher pouco simpática, acrimoniosa e matreira. Era mais nova do que eu, o que me surpreendia sempre e, num certo sentido, me deixava radiante, levando-me a gostar dela, apesar de tudo, muito mais do que ela merecia. Pobre Isabelle, pensava por vezes, quando me lembrava de que ela não tinha mais de vinte e três ou vinte e quatro anos.

Numa pequena povoação, uma feiticeira medíocre, espartilhada num casamento medíocre, transmite os seus poderes às duas filhas. Só que um feitiço nunca dura para sempre — nem uma família.

«Aprendiam depressa, com a mesma rapidez, uma e outra. Ao fim de onze meses, as primeiras lágrimas de sangue caíram-lhes sobre as faces no mesmo dia [...]. Maud e Lise haviam adquirido a capacidade de ver o futuro e o passado, no seguimento de todo um cortejo de antepassadas.»

Lucie vem de uma linhagem de bruxas, com poderes transmitidos de mães para filhas. Muitas ocultaram os seus dons, para agradarem a homens tomados pelo medo. Lucie não. Contra a vontade do marido, inicia as filhas gémeas na peculiar tradição feminina da família. Contudo, os poderes ensinados revelam-se perigosos e abrem caminho a uma libertação absoluta, que Lucie nunca imaginara.

Marie NDiaye, uma das escritoras francesas mais aclamadas da atualidade, constrói um romance assente em lágrimas e sangue — o mais poderoso laço entre pais e filhos. Fundindo onirismo e inquietação, *A feiticeira* conta uma fábula antiga: sem olharem para trás, as crias voam do ninho e deixam à vista a fragilidade do núcleo familiar. Tensa e plácida, desassossegada e desarmante, esta é uma história de papéis que se replicam, tradições que se quebram, futuros que se reinventam.



«De um lado, uma descrição minuciosa de quotidianos comuns, imersos em tédio, dramas, angústia e solidão. Do outro, uma narrativa fantástica e onírica. Entre os dois, a pena encantatória de Marie NDiaye, [cuj] voz não se assemelha a nada que já conhecamos.»

Le Monde

«Um romance enfeitiçante. [...] Marie NDiaye vai ganhar o Prémio Nobel.»

The New Yorker

**ROMANCE FINALISTA DO INTERNATIONAL BOOKER PRIZE
AUTORA VENCEDORA DO PRÉMIO GONCOURT**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f alfaguaraeditora
i penguinlivros

ISBN: 978-989-596-144-3



9 789895 961443